

DESCOLONIZANDO O ENVELHECER: A ESCRIVÊNCIA COMO FERRAMENTA EPISTÊMICA DE ENFRENTAMENTO AO IDADISMO

Bruno Leonel Mendes de Abreu¹;

Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/6432206692028767>

Valéria Augusta da Silva Proença².

Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/5900819223694837>

RESUMO: Este relato defende a escritvivência, conceito de Conceição Evaristo para a escrita gestada na vivência, como um ato político de resistência epistêmica contra o idadismo. A prática é analisada a partir do pensamento interseccional de Collins (2022), que revela como a opressão etária se cruza com marcadores de raça, gênero e classe, produzindo silenciamentos específicos. A escritvivência opera assim uma insurgência dupla: contra a visão reducionista do envelhecer e contra a hierarquia dos saberes que desqualifica narrativas marginalizadas. Ao iluminar as interseções entre corpo, memória e desejo, ela permite que sujeitos que envelhecem reescrevam suas histórias, reinscrevendo no espaço público as experiências que o preconceito tenta apagar. Fundamentada nos saberes situados (Haraway, 1995), essa prática literária descoloniza o imaginário social sobre a velhice (Munanga, 2020). Portanto, a escritvivência consolida-se como um dispositivo sensível e transformador, que, ao conferir autoria e visibilidade, convoca um pacto ético de reconhecimento, construindo as bases para um horizonte social interseccional e anti-idadista.

PALAVRAS-CHAVE: Escritvivência. Etarismo. Envelhecimento.

DECOLONIZING AGING: *ESCRIVÊNCIA* AS AN EPISTEMIC TOOL FOR CONFRONTING AGEISM

ABSTRACT: This account defends *escritvivência*, a concept by Conceição Evaristo for writing born from lived experience, as a political act of epistemic resistance against ageism. The practice is analyzed through the intersectional framework of Collins (2022), which reveals how age-based oppression intersects with markers of race, gender, and class, producing specific forms of silencing. Thus, *escritvivência* operates as a dual insurgency: against the reductionist view of aging and against the hierarchy of knowledge that disqualifies

marginalized narratives. By illuminating the intersections between body, memory, and desire, it allows aging subjects to rewrite their stories, reinscribing into the public sphere the experiences that prejudice seeks to erase. Grounded in situated knowledges (Haraway, 1995), this literary practice decolonizes the social imaginary about old age (Munanga, 2020). Therefore, *escrevivência* consolidates itself as a sensitive and transformative device, which, by conferring authorship and visibility, summons an ethical pact of recognition, building the foundations for an intersectional and anti-ageist social horizon.

KEY-WORDS: *Escrevivência*. Ageism. Aging.

INTRODUÇÃO

A *escrevivência*, tal como concebida por Conceição Evaristo, nasce do cruzamento entre vida e palavra, que imbrica uma escrita de corpo, memória e historicidade. Não consiste apenas em narrar experiências, mas em inscrevê-las como epistemologia insurgente, capaz de tensionar silêncios instituídos e desestabilizar hierarquias históricas. Quando afirma que “a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2007, p. 21), a autora indica o caráter político da escrita que emerge de corpos subalternizados. Essa dimensão de perturbação ética e epistêmica aproxima a *escrevivência* do enfrentamento ao etarismo.

As formas contemporâneas de ageísmo explícitas ou sutis se alimentam da cisão entre quem pode falar e quem é falado, entre quem narra e quem é narrado. O etarismo opera como tecnologia social que desqualifica as experiências de pessoas idosas, atribuindo menor valor cognitivo, afetivo, político e cultural. Assim como o racismo e outras opressões interseccionais, o etarismo retira dessas pessoas a “autoridade testemunhal”, conceito discutido por Miglievich-Ribeiro (2025) ao analisar a forma como epistemologias hegemônicas deslegitimam saberes inscritos na experiência. A negação dessa autoridade produz silêncios e epistemicídios que apagam modos de existir e de narrar o mundo.

Esse horizonte permite compreender a *escrevivência* como via promissora para sensibilizar e denunciar o etarismo. Conforme defendem Soares e Machado (2017) a *escrevivência* não corresponde a simples técnica narrativa, mas a virada epistêmica que desloca quem ocupa o lugar de sujeito da enunciação. Quando relacionada ao campo do envelhecimento, ela possibilita que pessoas idosas retomem o lugar de produtoras de sentido. Dessa forma, memórias, contradições, ausências, resistências e potências se tornam visíveis, mesmo quando discursos normativos sobre a velhice tentam silenciar tais expressões.

O gesto de escrever a partir do vivido, com enunciação interna e posição ética articulada ao coletivo dialoga com os elementos constitutivos da *escrevivência* descritos por Queiroz (2025): autoria situada, ficção como recriação da memória, perspectiva interna e afinidade com a desestabilização de opressões estruturais. Ao aplicar esses atributos às

narrativas de envelhecimento, torna-se possível produzir fissuras em discursos etaristas, denunciando o ageísmo como violência que compromete histórias de vida e fere a continuidade simbólica de sujeitos que envelhecem.

A escrita que emerge do vivido cria condições para o que Collins (2022) chama de “engajamento dialógico”, movimento que amplia comunidades interpretativas, legitima vozes historicamente silenciadas e fortalece projetos de conhecimento orientados pela resistência. No caso do enfrentamento ao etarismo, esse movimento abre caminhos para tensionar percepções cristalizadas sobre a velhice e afirmar a complexidade da experiência tardia.

É notório que, para além de suas dimensões culturais e expressivas, a leitura e a escrita constituem-se como ato de resistência epistêmica. Esta prática confronta diretamente a visão reducionista e anacrônica que ancora o envelhecimento de populações sistematicamente marginalizadas, como mulheres, pessoas idosas, negras e da comunidade LGBTQIAPN+, em um projeto político de invisibilidade e apartação social. Através da narrativa, subverte-se a lógica que nega plenitude existencial a estas vivências, reposicionando-as não como exceção, mas como centro de uma reivindicação por direitos, memória e reconhecimento. Ao confrontar narrativas hegemônicas e desmontar os estereótipos cristalizados sobre o envelhecimento de mulheres, por exemplo, a prática da escrita opera uma descolonização do imaginário, derrubando os mitos que insistem em confinar a mulher que envelhece aos arquétipos de cuidadora, historicamente constituídos (Duarte, 2003).

Em uma sociedade que verticaliza as relações e instrumentaliza as vivências, reescrever a própria história constitui um ato de enfrentamento político. Esta prática desvela e contesta o mito da neutralidade da escrita, demonstrando como o privilégio social opera uma hierarquização dos saberes: desqualifica certas produções de sentido e silencia narrativas outras, promovendo assim um enclausuramento dos saberes situados (Haraway, 1995) que culmina no apagamento histórico de identidades coletivas.

Portanto, a potência da escrevivência, conforme cunhado por Conceição Evaristo, transcende o conteúdo para afirmar-se como um ato político de produção de sentido. Ela transforma a experiência em matéria de disputa (política), recusa leituras redutoras e, principalmente, confere poder e autoria a sujeitos que envelhecem ao **escreverem** para **inscrever** sua existência na ordem do visível. Ao iluminar as interseções entre corpo, memória e desejo, a escrevivência oferece a esses sujeitos o instrumento para reconfigurar suas narrativas no espaço público. Esse gesto, ao romper com discursos etaristas, promove o que Munanga (2020, p. 41) chama de “descolonização do imaginário sobre o envelhecimento”, convocando a sociedade a um pacto ético de escuta e reconhecimento.

OBJETIVO

O presente ensaio tem como objetivo examinar a escrevivência como prática estética, política e epistemológica que transforma a experiência em gesto crítico capaz de desestabilizar discursos etaristas. A proposta é analisar como a escrita do vivido afirma sujeitos idosos, reinscreve trajetórias no espaço público e amplia modos de sentir e compreender a velhice, tratando a escrevivência como ato de afirmação e campo de resistência.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste ensaio apoia-se nos pressupostos do “engajamento dialógico” formulado por Collins (2022). Nessa perspectiva, a produção de conhecimento não se sustenta em neutralidade metodológica ou em protocolos fixos, mas em processos relacionais que valorizam experiências situadas, multiplicidade de vozes e a articulação entre teoria e prática. A construção teórica crítica depende da capacidade de ouvir sujeitos historicamente silenciados e de reconhecer a legitimidade do vivido como fundamento epistêmico. Essa noção orienta o presente ensaio, que toma a escrevivência como dispositivo metodológico capaz de reposicionar narrativas de envelhecimento em um campo interpretativo que as reconhece como formas válidas de conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Pequeno Manual Anti-idadista (2025) descreve o idadismo como uma força difusa, internalizada e reproduzida coletivamente, que opera desde práticas institucionais e políticas públicas até as microexpressões interpessoais e afetivas do cotidiano (p. 12–18). A obra demonstra que o preconceito etário se alimenta de estereótipos cristalizados – “improdutividade”, “fragilidade”, “desatualização” – e se reproduz em sistemas de saúde, mercado de trabalho, educação e comunicação, constituindo aquilo que autores do manual denominam de idadismo estrutural (p. 24). Nesse ponto, o diagnóstico do manual evidencia a urgência de práticas que mobilizem sensibilização, deslocamento perceptivo e reposicionamento ético. É precisamente nesse campo que a escrevivência se mostra potente.

Como prática narrativa que transforma experiência em gesto político, a escrevivência amplia a visibilidade das trajetórias envelhecidas, perturba os discursos que naturalizam a exclusão e sustenta epistemologias que emergem das margens. Se o manual afirma a necessidade de “duvidar do que parece natural” (p. 23), a escrevivência se apresenta como método capaz de produzir esse estranhamento, ao narrar o vivido, a pessoa idosa reinscreve sua existência no campo do sensível e denuncia as violências sutis que organizam a vida social. Essa perspectiva se fortalece quando articulada às contribuições de Collins (2022), tal como discutidas nas resenhas consultadas.

Na leitura de Mazzucatto (2023), concebe a interseccionalidade como “lente para examinar como a análise crítica e a ação social podem se influenciar mutuamente” (p. 2). Essa compreensão amplia o debate metodológico ao enfatizar que a crítica não se limita à descrição das estruturas de opressão, mas demanda práticas narrativas e políticas que desestabilizem regimes de invisibilidade. A escrevivência, ao produzir conhecimento situado, aproxima-se dessa lógica dialógica e insurgente: trata-se de uma escrita que convoca o leitor a se reposicionar diante das velhices, abrindo espaço para que experiências antes marginalizadas incidam no campo do político.

Para Collins (2022), a interseccionalidade só adquire valor crítico quando se compromete com a justiça social, evitando reduções identitárias ou interpretações despolitizadas (p. 4–5). Essa defesa da dimensão ética e transformadora do conhecimento conecta-se diretamente às estratégias propostas pelo manual, que afirma ser insuficiente “não ser idadista”: é preciso comprometer-se ativamente com práticas anti-idadistas (p. 17). A escrevivência, enquanto prática que articula corpo, memória e linguagem, opera nesse horizonte. Ela não apenas revela as múltiplas injunções do etarismo – silenciosas, simbólicas ou explícitas – mas convoca o leitor a atravessar estas narrativas de velhice sem reproduzir os filtros estigmatizantes impostos pela sociedade. Além disso, o manual destaca que o idadismo se constrói desde a infância, moldado por imagens sociais que desumanizam a velhice (p. 26–28).

A escrevivência intervém nessa dinâmica ao mobilizar histórias concretas, que desmontam a ideia de velhices homogêneas e produzem fraturas nos imaginários sociais. Ao permitir que sujeitos idosos assumam centralidade na narrativa, essa prática funciona como contradiscurso, oferecendo imagens alternativas que reconfiguram a percepção coletiva sobre o envelhecer. Longe de ser expressão intimista, a escrevivência expande a densidade simbólica das velhices e desarticula o suposto “natural” do preconceito.

Essa potência também se evidencia quando observamos que, para Collins (2022), os projetos de conhecimento resistente dependem de uma prática narrativa que reconheça a autoridade epistêmica das experiências marginalizadas (p. 3–4). A escrevivência, ao valorizar o testemunho, promove uma redistribuição do poder de dizer o mundo, deslocando o lugar historicamente reservado às pessoas idosas como objetos de estudo para reposicioná-las como autoras de conhecimento. Tal gesto não apenas combate o idadismo internalizado – uma das dimensões mais enraizadas da opressão, como destaca o manual (p. 16), mas também fortalece a agência política daqueles que narram.

Assim, os resultados indicam que a convergência entre o diagnóstico do idadismo oferecido pelo Pequeno Manual (2025), a crítica social e epistemológica proposta por Collins (2022), e a potência narrativa da escrevivência, aponta para a construção de uma metodologia sensível, politicamente implicada e teoricamente robusta para o enfrentamento ao etarismo. A escrevivência torna-se, nesse contexto, mais do que forma de expressão literária: é eixo de resistência, ferramenta pedagógica, tecnologia social e dispositivo de

sensibilização.

Ao iluminar as histórias que o idadismo tenta silenciar, a escrevivência devolve densidade humana às velhices e cria condições para que outras formas de convivência e reconhecimento sejam imaginadas. Ela restitui às pessoas idosas o direito de serem autoras de suas próprias narrativas, contribuindo para a construção de um horizonte anti-idadista sustentado não pela culpa ou pela normatividade, mas pela força poética, política e epistêmica do vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões tecidas, conclui-se que o enfrentamento ao idadismo exige mais do que conscientização; demanda uma transformação epistêmica e narrativa. A análise demonstra que a convergência entre o diagnóstico estrutural do idadismo, a crítica interseccional de Collins (2022) e a potência da escrevivência, nos termos de Conceição Evaristo, delineia um caminho metodológico radical. Esta tríade fundamenta uma prática sensível e politicamente implicada, que recusa a pretensão de neutralidade e abraça os saberes situados (Haraway, 1995), oriundos das vivências corporificadas no envelhecer.

Nesse quadro, a escrevivência revela-se um eixo central. Ela opera simultaneamente como ato de resistência, ao descolonizar o imaginário social sobre a velhice (Munanga, 2020); ferramenta pedagógica, ao promover a escuta intergeracional; e tecnologia social, ao reinscrever no espaço público as narrativas que o idadismo silencia. Seu poder reside em restituir aos sujeitos que envelhecem a autoria de suas histórias, transformando a experiência vivida em matéria política e epistêmica.

Portanto, o horizonte anti-idadista aqui vislumbrado não se edifica sobre a culpa ou a normatividade abstrata. Ele se constrói a partir do poder testemunhal e criativo do vivido, que, ao ser compartilhado e legitimado, devolve densidade humana às múltiplas velhices. Dessa forma, a escrevivência não apenas denuncia a opressão etária, mas ativa as condições para imaginar e forjar novas formas de convivência, reconhecimento mútuo e justiça narrativa, onde cada trajetória de vida seja reconhecida em sua integridade e potência.

REFERÊNCIAS

BISPO, Fábio Santos. **Escrevivência como metodologia de pesquisa em psicanálise**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 26, e273037, 2023. DOI: 10.1590/1809-4414-2023-016.

COLETIVO VELHICES CIDADÃS. Pequeno manual anti-idadista. Comitê executivo: Alexandre Kalache et al. São Paulo: Faz Muito Bem, 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social**

crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 4, p. 19-31.

FARIAS, Renata Pereira; SANTOS, Suely Emilia de Barros. **Promoção em saúde mental de mulheres nas ruralidades brasileiras: uma artesanaria literária pela fenomenologia decolonial.** Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, v. 13, n. 2, p. 377-405, 2024. DOI: 10.12957/ek.2024.89247.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução: Marlon de Freitas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773> Acesso em: 04 dez. 2025.

MAZZUCATTO, Maria Rita. **Bem mais que ideias, de Patricia Hill Collins: a jornada da interseccionalidade em direção a uma teoria social crítica.** Interfaces da Comunicação, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1-6, 2023.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. **Teorização crítica, escrevivência e epistemologia resistente.** Caderno CRH, Salvador, v. 38, p. 1-13, e025023, 2025. DOI: 10.9771/ccrh.v38i0.59010.

MUNANGA, Kabengele. **Descolonizando o saber: poder, conhecimento e subalternidade.** Organização: Denise Botelho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

OLIVEIRA, Nathália Pereira de; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. **Escrevivências: possibilidades para uma educação antirracista.** Revista Brasileira de Educação, v. 28, e280101, 2023. DOI: 10.1590/s1413-24782023280101.

QUEIROZ, Eduardo Prachedes. **Considerações a respeito de elementos constituintes de uma escrevivência.** Bakhtiniana, São Paulo, v. 20, n. 3, e65636p, 2025. DOI: 10.1590/2176-4573p65636.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **“Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social.** Psicologia Política, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.